

SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO NO SÍTIO BAIXIO DOS LOPES, BREJO SANTO-CE UM SÍTIO COM CERÂMICA TUPI-GUARANI DA SUBTRADIÇÃO POLICRÔMICA

Gabriela Martin¹
Elisabeth Medeiros²
Anne-Marie Pessis¹

RESUMO

No artigo em pauta, referimo-nos ao achado de um sítio com cerâmicas tupis-guaranis da subtradição policrômica no município de Brejo Santo, no Ceará, durante o acompanhamento arqueológico nas obras do projeto de integração do Rio São Francisco com as bacias hidrográficas do Nordeste setentrional. Aproveitamos o achado de peças cerâmicas de cuidada elaboração para fazer uma reflexão sobre a presença da tradição ceramista policrômica tupi-guarani na região do semiárido do Brasil.

10

PALAVRAS CHAVE: Cerâmica tupi-guarani, subtradição policrômica, Arqueologia no Ceará.

ABSTRACT

In the article in question, we refer to the discovery of a site with Tupi-guarani pottery of polychrome sub tradition in the municipality of Brejo Santo, Ceará, during the archaeological monitoring in the works of the *Integration Project of the Sao Francisco river with the basins of the northern Northeast*. We take the finding of ceramic pieces of careful preparation in the Sertão of Ceará, to reflect on the presence of polychrome Tupi-guarani ceramist tradition in the semi-arid region of Brazil.

KEY WORDS: Tupi-guarani pottery, Polochrome Sub tradition, Archeology in Ceará.

¹ Docente, Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, UFPE.

² Discente, Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, UFPE.

Durante as obras de acompanhamento arqueológico referentes às atividades de pesquisa desenvolvidas no âmbito do projeto *Prospecção, resgate e acompanhamento arqueológico e paleontológico na área de implantação do projeto de integração do Rio São Francisco com as bacias hidrográficas do Nordeste setentrional*, foi identificado um sítio arqueológico com cerâmicas tupis-guaranis da subtradição policrômica.

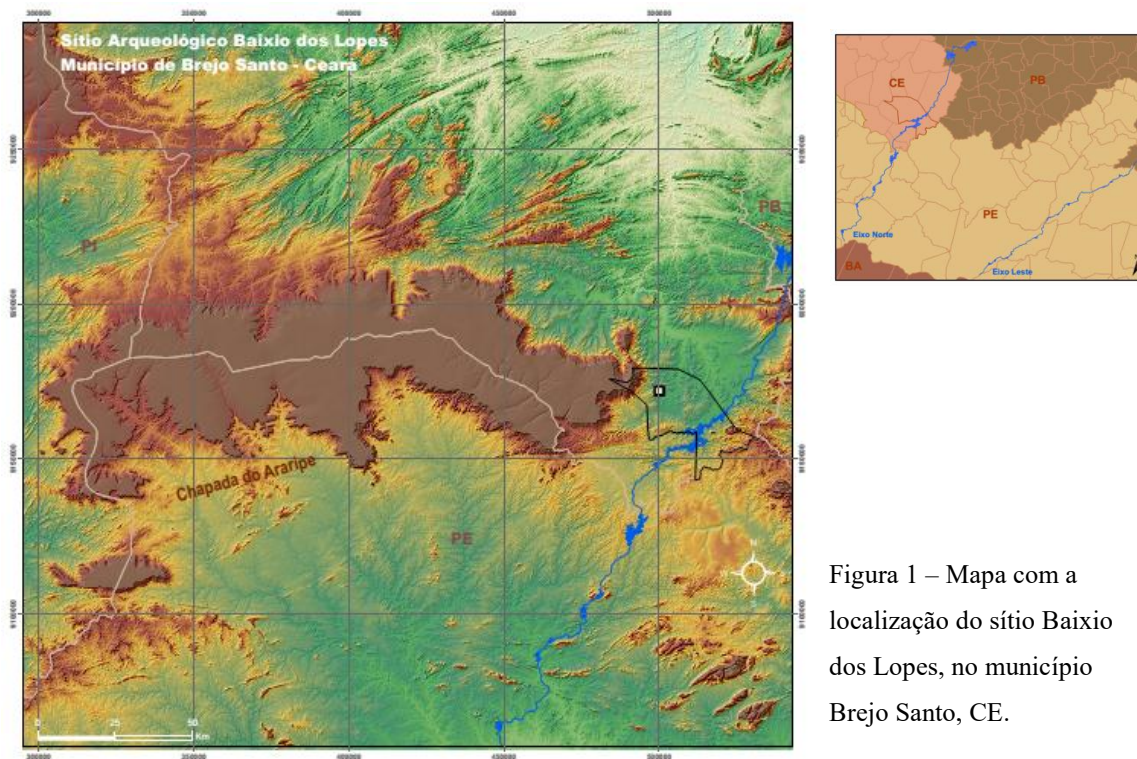


Figura 1 – Mapa com a localização do sítio Baixo dos Lopes, no município Brejo Santo, CE.

O sítio encontra-se localizado numa comunidade periférica da cidade de Brejo Santo-CE, que está situado a menos de 5 metros da estrada que acompanha a futura linha de trem da Transnordestina. A delimitação do sítio em termos arqueológicos não está definida, na medida em que ainda não foram realizadas escavações sistemáticas, apenas a título informativo Assim

sendo, o sítio foi situado, neste estudo, entre as coordenadas geográficas UTM 24 M 9171908/0500163 datun SAD 69, a partir do ponto em que a equipe do Inapas³ realizou a intervenção.

O local ficou conhecido como Cemitério Indígena de Brejo Santo a partir de 1977, quando o jornal *Tribuna do Ceará*, com data de 28 de setembro, relata a retirada de três urnas cerâmicas com restos de enterramentos humanos. Na notícia veiculada pelo jornal citado, consta, além das dimensões das três urnas retiradas, informação sucinta sobre os restos funerários existentes no interior das mesmas:

“Em todas as urnas havia a marca de respeito existente nos índios em relação aos mortos, haja vista o esmero com que as pintaram. A urna de número 01 era desenhada com listas circulares e retangulares alternadas nas cores preto sobre um campo amarelado. A segunda, muito embora nos faltem informações, sabe-se, entretanto, que era também colorida. A última era composta de tampa e talha, com um acabamento primoroso, apresentando traços circulares e retas rubro-negras contrastando com um fundo alaranjado. Nos três camocins, ou porrões, foram encontrados os restos mortais de dois adultos e de uma criança, juntamente com colares de búzios com dentes de cutia e contas de uma pedra verde (amazônica). No camocim em que foi encontrada a criança havia objetos de uso dela, tais como passarinhos de barro — expressão artística do nosso silvícola — e pedras coloridas que talvez serviram de brinquedos para o garoto”, (Tribuna do Ceará, 28/9/1977).

12

³ Instituto Nacional de Arqueologia, Paleontologia e Ambiente do Semiárido do Nordeste do Brasil, Inapas/CNPq/MCTI.

MEDIDAS	URNA 01	URNA 02	URNA 03
Altura	21 cm	14 cm	27 cm
Diâmetro da boca	45 cm	37 cm	46 cm
Circunferência superior	1,48 m	1,27 m	1,50 m
Circunferência inferior	1,52 m	1,32 m	-x-
Comprimento linear	77 cm	57 cm	85 cm

Tabela 1 – Dimensões das três urnas citadas no jornal *Tribuna do Ceará* em 28 de setembro de 1977. Infelizmente, o paradeiro das três urnas citadas é, hoje, desconhecido.

Na cidade de Brejo Santo, existe um pequeno museu particular conhecido como Museu da Pedra da Urubu, com uma pequena coleção arqueológica e paleontológica. Nele, guarda-se um vasilhame cerâmico que, segundo o proprietário, procede do Baixio dos Lopes e lhe teria sido doado por um antigo morador daquela comunidade. A urna, com 16cm de altura, 16cm de diâmetro na borda e 72 cm de circunferência, continha, também, ossos de uma criança pequena ou recém-nascida.

O sítio Baixio dos Lopes é conhecido da população de Brejo Santo e, inclusive, está citado num livro sobre a história do município (NÓBREGA, 1981). Infelizmente, pela proximidade da área habitada com a estrada, tem sido destruído paulatinamente por carroceiros que retiram areia para construção e por curiosos à procura de restos arqueológicos.

A intervenção da equipe do Inapas no sítio Baixio dos Lopes foi casual — apenas uma intervenção de urgência —, pois, mesmo perto, encontra-se fora da área de influência do projeto que está sendo realizado. Em um desses episódios de retirada de areia do sítio, houve um desmoronamento que deixou em evidência a presença de fragmentos e urnas de cerâmica, e os

moradores do entorno avisaram à equipe do Inapas, que se encontrava nas proximidades. A intervenção foi realizada a pedido da coordenação geral ambiental da CMT-Brejo Santo-CE, e após o Inapas informar a situação de emergência ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), procedeu-se à retirada dos materiais arqueológicos que afloravam.

Foram retiradas duas urnas embocadas, que continham ossos humanos, como foi demonstrado posteriormente no laboratório da Fumdhm. Classificadas como urnas A e B, mesmo fragmentadas em parte encontravam-se *in situ* e puderam ser retiradas em um bloco único. As duas estavam cobertas com uma camada espessa de cor cinza, que ocultava a decoração. Entretanto, a cuidadosa restauração do Sr. Valdeci dos Santos no laboratório da Fumdhm permitiu recuperar em grande parte a pintura interna da urna A (Figuras 6 a 11). A urna B (Figura 12), de tamanho maior — cobria a anterior —, apresentava a pintura mais deteriorada pela concreção acizentada, embora a sua restauração esteja ainda em andamento. No interior da urna A, foram coletados ossos humanos (fêmur, tíbia, ulna e fragmentos do crânio). A uma distância aproximada de 1,50 m do enterramento, foi também retirada uma urna, C, de tamanho menor, também com decoração pintada (Figura 13). Fragmentos pintados ou sem decoração apareciam também na subsuperfície do sítio (Figuras 14, 15).

14

Dimensões das urnas coletadas na intervenção do Inapas:

- Urna A, de forma oval (etiqueta: 893-2) – Comprimento: 64 cm; largura: 49 cm; e altura: 17 cm.
- Urna B, de forma oval e que cobria como tampa a anterior (etiqueta 893-1) – Comprimento: 72 cm; largura: 60 cm; e altura: 23 cm.
- Urna C, boca redonda e corpo carenado (etiqueta 891) – Diâmetro: 13 cm; e altura: 10 cm.

Cabe ressaltar que foram coletados também lascas e instrumentos de sílexito, quartzito e arenito silicificado e restos de coquinhos (*Arecacae*).



Figura 2 – Vista do sítio na margem da rodovia.



Figuras 3 e 4 – Evidência das urnas *in situ*.



16

Figura 5 – Início da retirada das urnas sobrepostas.



Figuras 6 e 7 – Restauração da urna A e seu aspecto antes da restauração da pintura interna.



Figura 8 – Urna A depois da restauração da pintura interna.



Figuras 9 e 10 – Detalhe da pintura interna da urna A.



Figura 11 – Detalhe da pintura da borda interna da urna A.

Como infelizmente não se tratou de uma escavação planejada, mas de um salvamento de urgência num derrube natural acontecido a 5 metros da abertura de uma vala na margem de uma rodovia, as informações que podemos fornecer sobre o sítio Baixio dos Lopes são precárias. O achado não é único naquele lugar; pelas informações levantadas, sabemos que foram retiradas urnas tupis-guaranis pintadas no entorno do sítio, num contexto de achados casuais, em diversas épocas pelos moradores, enquanto retiravam areia seca para construção. Todavia, pela variedade e qualidade dos materiais arqueológicos registrados, consideramos que o sítio deve ser objeto de uma escavação extensiva e planejada. Nas prospecções arqueológicas posteriores realizadas pelo Inapas no município de Brejo Santo, foi possível constatar as alterações que as obras da Transnordestina têm produzido, além do avanço urbano da cidade de Brejo Santo, com construções residenciais e do estádio municipal de futebol, assim como a instalação de cercas de arame dividindo propriedades; esses fatos justificam uma intervenção completa no sítio Baixio dos Lopes.

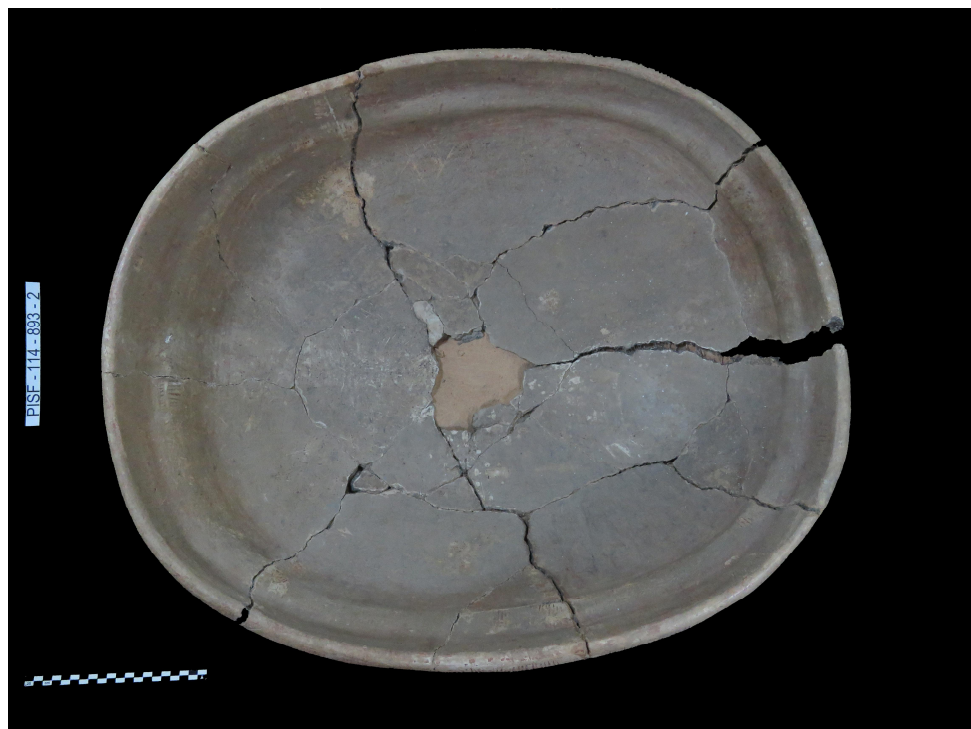


Figura 12 – Urna B sem a restauração da pintura.



Figura 13 – Urna C e detalhe da pintura externa.



Figuras 14 e 15 – Fragmentos de cerâmica com restos de pintura.

Algumas observações são pertinentes, mesmo a partir apenas dos dados conhecidos. O sítio corresponde, sem dúvida, a um cemitério indígena, onde se praticaram rituais fúnebres secundários, com enterramentos em urnas decoradas com pintura de diversas cores dentro da tradição tupi-guarani, na variedade, ou subtradição, policrômica. Observando as medidas registradas nos achados anteriores e as das urnas coletadas mais recentemente, vemos que há uma unidade ou semelhança de padrões cerâmicos, e não se trata de apenas um achado casual. As medidas das peças registradas indicam a existência de urnas abertas semelhantes às que aqui apresentamos.

Urnas de tamanho menor, também decoradas com policromia, foram assinaladas como procedentes do mesmo sítio em coleções particulares e museus locais da região, embora sem dados precisos que confirmem essa procedência nem a época do achado, mas que poderiam pertencer ao enxoval funerário que acompanhava os enterramentos. Cabe cogitar que o sítio Baixio dos Lopes fora também uma aldeia de população ceramista, e não apenas um cemitério, conhecido o costume dos indígenas de enterrar os defuntos nas próprias aldeias ou, inclusive, dentro das casas.

Não chega a ser novidade a constatação da presença de cerâmica tupi-guarani da subtradição policrômica pintada nos sertões do Nordeste, embora cada novo achado registrado acrescente mais um dado à extraordinária difusão dessa cerâmica no Brasil. Temos observado, também, que a densidade dos achados diminui do litoral ao interior, não apenas no número de sítios, mas também em relação à concentração do número de peças coletadas. O achado de poucos exemplares em determinados lugares do interior, em contraste a maiores concentrações em sítios litorâneos, sejam aldeias, sítios funerários ou possíveis lugares cerimoniais, leva-nos à hipótese da existência de redes comerciais que indicariam a valorização da cerâmica tupi-guarani pintada policrômica como moeda de escambo.

Por se tratar de peças menores e menos pesadas, poder-se-ia pensar em algum tipo de comércio, embora essa possibilidade resulte um tanto quanto inviável dado o peso e o tamanho da maioria das peças cerâmicas coletadas pertencentes a essa subtradição tupi-guarani. Entretanto, como explicar a existência de vasilhas/urnas que podemos considerar quase idênticas achadas em sítios tão distantes entre si? Desde o litoral ao sertão de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará, encontram-se urnas cuidadosamente decoradas. Então, temos que partir de outra premissa, já que a variável transporte estaria descartada, uma vez que a considerando teríamos que aceitar um intenso intercâmbio de técnicas cerâmicas entre grupos diferentes. A complexidade dos desenhos nos leva a pensar na existência de artesões dedicados à decoração dessas vasilhas, sem dúvida cerimoniais, pois a complexidade da decoração interna lhes guarda qualquer uso funcional que não seja votivo.

Dos sítios com cerâmica tupi-guarani pintada, ou tupinambá, como é mais conhecida no Nordeste, há já repertórios e publicações que assinalam a sua presença no litoral do Ceará com relativa frequência (VIANA; SOUSA; SOARES, 2007), mas, nas áreas interioranas, o registro é mais precário, embora haja informações da existência de sítios no Cariri cearense. O mesmo caso se repete no Rio Grande do Norte, onde a cerâmica tupinambá com decoração policrômica está bem representada em sítios do litoral, mas com menos densidade no interior, como na Serra

de Santana (MAFRA; NOGUEIRA, 2013). Também no sertão de Pernambuco repetem-se casos semelhantes, como em Sertânia (GALINDO; ROCHA, 1984) e até no sopé da Chapada do Araripe (NASCIMENTO, 1991). Além da constatação desse fato, cabe uma reflexão que explique a grande difusão que alcançou a cerâmica tupi-guarani em geral e a policrômica em particular. Sabemos que essa cerâmica definida como tupi-guarani nos sítios mais interioranos do Nordeste brasileiro não coincide com grupos falantes da língua tupi denominada “língua geral” pelos colonizadores por ser o idioma indígena mais falado ao longo da costa brasileira, que correspondia às distintas variedades do tupi antigo. Essa língua, hoje perdida como idioma falado por grupos vivos, foi coligida nos dicionários e repertórios elaborados pelos missionários que tinham especial interesse em conhecer as línguas indígenas para proceder a catequização dos índios no seu próprio idioma.

A grande extensão territorial que o tupi alcançou é realmente impressionante, e sua expansão coincide, em parte, com a difusão da cerâmica conhecida como da tradição tupi-guarani, facilmente identificável, especialmente na subtradição pintada policrômica, que se encontra, praticamente, de norte a sul do Brasil. Esses fenômenos levaram à construção de teorias por parte de pesquisadores, linguistas e arqueólogos, pretendendo demonstrar que existiram grandes migrações de povos de tronco tupi-guarani, que teriam sido estimuladas pela tradição da chamada “migração ritual”. Os povos se deslocam por motivos muito concretos, tais como pressão demográfica, expulsão forçada por outros grupos mais fortes ou falta de alimentos, seja por esgotamento da caça ou da terra cultivada. Dos índios históricos, conhecemos sua permanente mobilidade, mesmo entre os agricultores, pela exaustão rápida da produtividade agrícola.

Descartada a possibilidade de um comércio de escambo, pela dificuldade de salvar as distâncias, pelo peso e pela fragilidade do material, a difusão espaçotemporal da cerâmica tupi-guarani da subtradição policrômica significa uma intensa rede de contatos continuados entre etnias diferentes. Ao dizer continuados, referimo-nos a um período que contempla em torno de 1.000

anos entre os dados arqueológicos mais antigos e as informações que nos chegaram dos colonizadores europeus. Certos grupos tupinambás, até a sua extinção, no começo do século XIX, podem ter continuado a fabricar cerâmica tupi-guarani. Essa cronologia indica os extremos da tradição, mas os períodos de maior extensão e densidade populacional situam-se entre os anos 1000 e 1800.

200 - 500	Pré-tupi-guarani (Amazônia)
500 - 900	Período arcaico
900 - 1300	Período médio
1300 - 1500	Período tardio
1500 - 1800	Período colonial de contato europeu

Tabela 2 – Cronologia da tradição ceramista tupi-guarani A. D.

Temos defendido que a cerâmica foi inventada em todos os continentes, incluindo as Américas (MARTIN, 2008; MARANCA, MARTIN, 2014), mas, naturalmente, referimo-nos à cerâmica utilitária, basicamente para armazenar água e conservar e cozinhar alimentos, fabricada desde os primórdios da civilização. As cerâmicas cerimoniais das culturas pré-clássicas e clássicas americanas, assim como a tupi-guarani policrômica, também cerimonial e funerária, representam a evolução e o aperfeiçoamento de sofisticadas técnicas de fabricação que se difundiram na ampla geografia brasileira em épocas dilatadas.

Durante os trabalhos do Pronapa, admitiu-se uma cerâmica considerada própria dos grupos falantes nas línguas do tronco tupi, que foi, então, chamada da tradição tupi-guarani. Citada pelos cronistas já no século XVI e XVII, começa a ser estudada nos fins do século XIX, e, segundo recolhe J. Brochado (1980), mais de cem autores já pesquisaram ou se referiram a essa cerâmica. Tradicionalmente, considerava-se como típica das regiões costeiras e pertencente a grupos humanos que moravam em aldeias de forma oval ou circular, com economia baseada na mandioca. Com o avanço das pesquisas nas regiões sertanejas do Brasil, esse panorama deixou

de ser reducionista aos grupos falantes das línguas tupis, e, então, temos que entender que as refinadas técnicas de pintura das peças cerimoniais tupis-guaranis foram adquiridas, também, por grupos jês habitantes do Semiárido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROCHADO, José Proenza. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupi-guarani. Relaciones. t.7, Nueva Serie. Buenos Aires, Sociedad Argentina de Antropologia, 1973, p.7–39.

_____. (1980). A tradição cerâmica Tupi-guarani na América do Sul. CLIO – Série Arqueológica – Revista do Curso de Mestrado em História, n.3, Recife: UFPE, p. 47–60.

GALINDO, M.; ROCHA, J. S. Um sítio arqueológico tupi-guarani da subtradição pintada no sertão pernambucano. CLIO – Série Arqueológica. v. 1; n. 6. Recife: UFPE, 1984. p. 39–46.

MACHADO, Daniel Luna; MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Horticultores ceramistas da bacia sedimentar do Araripe: classificações arqueológicas e características tecnológicas. CLIO – Série Arqueológica, n. 26, v. 2, Recife: UFPE, 2011.

MAFRA, Fábio; NOGUEIRA, Mônica. A cerâmica tupinambá na Serra de Santana-RN: a cultura da floresta tropical no contexto do semiárido nordestino. CLIO – Série Arqueológica, v. 28-1, Recife: UFPE, 2013.

MARANCA, Sílvia; MARTIN, Gabriela. As populações pré-históricas ceramistas na região da Serra da Capivara. In Os biomas e as sociedades humanas na pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil, vol. II-A, 2015, p. 480–511. São Paulo.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Histórias dos Povos Indígenas do Sertão Nordeste no Período Colonial – Problemas, Metodologias e Fontes. CLIO – Série Arqueológica, n. 15, v. 1, Recife: UFPE, 2002.

MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. Ed. Universidade Federal de Pernambuco, 434 p. il. 5ª ed. 1997.

NASCIMENTO, Ana. Aldeia Baião – Araripina, PE. Um Sítio Pré-Histórico Cerâmico no Sertão Pernambucano. *Clio – Série Arqueológica*, n. 7. Recife: UFPE, 1991, p. 143–204.

NÓBREGA, Fernando Maia da. De Brejo da Barbosa a Brejo Santo. Imprensa oficial do Ceará. 206 p. 1981.

PROUS, André; LIMA, Tânia A. (Orgs.) Os Ceramistas Tupi-guarani. Belo Horizonte: Sigma, 2008.

SANTOS, Claristella Alves dos. Mobilidade espaço-temporal da Tradição Tupi-guarani: considerações lingüísticas e arqueológicas. *CLIO – Série Arqueológica*, v. 1, n. 8. Recife: UFPE, 1992, p.89–130.

SCATAMACCHIA, M. C. M. Proposta de Terminologia para a Descrição e Classificação da Cerâmica Arqueológica dos Grupos Pertencentes à Família Linguística Tupi-guarani. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 14, p. 291–307, São Paulo, 2004.

VIANA, Verônica P.; SOUSA, Luci D.; SOARES, Karlla A. Os antigos habitantes da praia de Jericoacoara, Ceará: Arqueologia, História e Ambiente. *CLIO – Série Arqueológica*, n. 21. Recife: UFPE, 2007, p. 117–202.